



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS

JOSÉ ARIMATEIA SANTOS PEREIRA

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: REPENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA
MATERNA À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL

JOÃO PESSOA
2023

JOSÉ ARIMATEIA SANTOS PEREIRA

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: REPENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA
MATERNA À LUZ DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL**

Artigo científico apresentado ao Centro de Comunicação,
Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito para a obtenção do título de Licenciado(a) em Letras
Português.

Orientador: Henrique Miguel de Lima Silva
Coorientadora: Fabíola Jerônimo Duarte de Lira

**JOÃO PESSOA
2023**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P436p Pereira, José Arimatéia Santos.

Preconceito linguístico : repensando o ensino de
língua materna à luz da sociolinguística educacional /
José Arimatéia Santos Pereira. - João Pessoa, 2023.
21 f.

Orientador : Henrique Miguel de Lima Silva.

Coorientadora : Fabíola Jerônimo Duarte Lira.

TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2023.

1. Preconceito linguístico. 2. Ensino de língua. 3.
Sociolinguística Educacional. I. Silva, Henrique Miguel
de Lima. II. Lira, Fabíola Jerônimo Duarte. III. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 81'27

Elaborado por CLEYCIANE PEREIRA - CRB-15/591

JOSÉ ARIMATEIA SANTOS PEREIRA

**PRECONCEITO LINGUÍSTICO: REPENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA
MATERNA À DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL**

Artigo científico apresentado ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciado(a) em Letras Português.

RESULTADO: Aprovado NOTA: 100

João Pessoa, 14 de junho de 2023.

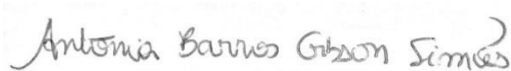
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Henrique Miguel de Lima Silva (orientador)
UFPB



Profa. Ma. Fabíola Jerônimo Duarte de Lira (coorientadora)
Externo



Profa. Dra. Antônia Gibson Barros Simões (examinadora)
Externo



Profa. Ma. Danielli Cristina de Lima Silva (examinadora)
Externo

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus; aos meus filhos, minha razão de viver e a minha esposa, que esteve sempre comigo nos momentos de angústia.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por proporcionar o alcance dos objetivos que tracei durante minha trajetória de estudos;

Aos **meus pais**, por todo amor e por serem a base e meu refúgio nos dias difíceis;

À **minha família**: os **meus irmãos**, pela amizade; à minha esposa, **Gersiane**, por estar sempre comigo nos momentos de angústias; aos meus filhos, **Jhennyf**, **Arimateia** filho e o **Jorge**, que são minha motivação para superar as dificuldades;

Ao professor orientador, **Henrique Miguel**, e a coorientadora, **Fabíola Duarte**, que desde o início do projeto colaboraram com seus ensinamentos para alimentar em meu coração o sonho da docência e me fazer crescer como pesquisador;

À **Coordenação de Letras Português**, pois sempre manteve todo o suporte e atenção ao longo do curso;

E, por fim, à **Universidade Federal da Paraíba**, que sendo pública, gratuita e de qualidade, me fez conquistar o tão sonhado diploma.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 Concepções de língua e ensino.....	10
2.2 Norma padrão X variação linguística.....	11
2.3 Sociolinguística educacional e ensino de língua portuguesa.....	12
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
4 ANÁLISES DOS RESULTADOS	15
4.1 Variação linguística.....	15
4.2 Preconceito linguístico.....	16
4.3 Sociolinguística educacional.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS.....	20

PRECONCEITO LINGÜÍSTICO: REPENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA À LUZ DA SOCIOLINGÜÍSTICA EDUCACIONAL

RESUMO

O presente estudo propõe analisar as contribuições da Sociolinguística educacional para o combate ao preconceito Linguístico no ensino da Língua Portuguesa, pois este ensino, ao longo dos anos, se fundamentou na Gramática normativa e em concepções e práticas que privilegiavam tal fundamentação, como o uso de uma linguagem adequada e considerada como padrão. Diante disso, observa-se que o ensino da Língua Portuguesa prioriza o estudo de tal norma, fazendo com que sejam desprezadas as outras variedades linguísticas. Tal cenário favorece à ocorrência do preconceito linguístico e coloca cidadãos mais letrados em uma condição de superioridade, fomentando a desigualdade e exclusão social. Assim, tecemos nossas análises por meio de uma revisão bibliográfica a partir de teóricos relevantes, como: Bagno (1999), Bortoni - Ricardo (2009), Lopes e Cavalcanti (20018), Mollica (1998; 2003), Labov (1972), Tarallo (1994), Travaglia (2005) e entre outros. Ao final de nossas análises, conclui-se que a Sociolinguística educacional pode proporcionar, em nosso meio social, o desenvolvimento de políticas linguísticas e criação de novas práticas pedagógicas que levem em consideração as variedades linguísticas, sociais e culturais presentes na sociedade e, com isso, favoreça a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as várias formas de escrever e de falar sejam respeitadas e consideradas dentro dos contextos educacionais.

Palavras-chave: Preconceito linguístico. Ensino de língua. Sociolinguística Educational.

ABSTRACT

The present study proposes to analyze the contributions of Educational Sociolinguistics to the fight against Linguistic discrimination in the teaching of the Portuguese Language, since this teaching, over the years, was based on normative Grammar and on concepts and practices that favored such foundation, such as the use of an appropriate language and considered as standard. In view of this, it is observed that the teaching of the Portuguese language prioritizes the study of such a norm, causing other linguistic varieties to be neglected. Such a scenario favors the occurrence of linguistic prejudice and places more literate citizens in a condition of superiority, promoting inequality and social exclusion. Thus, we weave us analyzes through a bibliographic review from relevant theorists, such as: Bagno (1999), Bortoni-Ricardo (2009), Lopes and Cavalcanti (20018), Mollica (1998; 2003), Labov (1972), Tarallo (1994), Travaglia (2005) and among others. At the end of our analyses, it is concluded that educational Sociolinguistics can provide, in our social environment, the development of language policies and the creation of new pedagogical practices that take into account the linguistic, social and cultural varieties present in society and, with that, favor the construction of a more just and egalitarian society, in which the various ways of writing and speaking are respected and considered within educational contexts.

Keywords: Linguistic discrimination. Language teaching. Educational Sociolinguistics.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, historicamente, é marcado por problemáticas sociais que impactam a vida dos cidadãos e cidadãs deste país. O preconceito linguístico é uma delas, pois ainda é bastante comum considerar somente a norma padrão como correta, tomando por base a crença de que há “uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários” (BAGNO, 1999, p. 40).

Assim, quando as pessoas se deparam com uma variante diferente da sua língua, e que “[...] escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerado, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente” (BAGNO, 1999, p. 40).

Por isto, abre-se cada vez mais o leque de estudos relacionados a essa temática, a fim de desmistificar o entendimento de que há uma língua “certa” ou “errada”. Neste sentido, em relação ao ensino da língua, é necessário repensar as práticas de ensino, que na maioria das vezes estão pautadas apenas na gramática normativa, deixando de lado suas variações, bem como os contextos nos quais elas estão inseridas.

Diante disso, este trabalho partiu da necessidade de refletir sobre tais práticas normativas que atualmente norteiam o ensino da língua, tendo como propósito assegurar que estas variações linguísticas e suas estruturas sejam mencionadas de forma abrangente, ressaltando sua importância por meio da expressão de pensamento, instrumento de comunicação e forma de interação.

Sendo assim, norteamos esta pesquisa pelos seguintes questionamentos: como repensar o ensino de língua portuguesa e quais as contribuições da sociolinguística educacional para o trabalho com variação linguística? Para tanto, definimos como objetivos geral da pesquisa, discutir o preconceito linguístico, analisando como repensar o ensino da língua à luz das contribuições da sociolinguística educacional. Além disso, como objetivos específicos, almejamos analisar os objetivos do ensino de língua materna a partir da BNCC; refletir sobre a relação entre concepção de língua e ensino; evidenciar as contribuições da sociolinguística educacional e suas relações com o ensino de língua portuguesa.

Nesse sentido, não podemos discutir as questões sobre língua e linguagem sem enaltecer a Sociolinguística educacional, dado que, partindo do pressuposto de

que ela investiga a diversidade linguística dentro de uma comunidade de fala, e considerando que o presente estudo investiga formas de repensar o ensino da língua, reconhecemos que por meio da Sociolinguística educacional é possível promover formas de combater o preconceito linguístico. Conscientizando os indivíduos, de modo que, se compreenda o caráter mutável da língua e as suas variações decorrentes do tempo e da região na qual os falantes se encontram.

Portanto, ao compreendermos que não é possível fazer uso do padrão culto da língua a todo tempo, visto que “nem sempre variedades de prestígio, com alta cotação de mercado, são necessariamente assimiladas pelos falantes” (MOLLICA, 2003, p. 30), é essencial que as normas gramaticais sejam ensinadas adequadamente para que o falante reconheça que a língua não é homogênea, e sim, apresenta múltiplas variantes e que, a depender do contexto (formal ou informal), poderá alterná-las a cada situação, tanto para uma adequação de uso, quanto para uma melhor relação entre os interlocutores.

Desta forma, as pesquisas em torno do preconceito linguístico são de imensa relevância, na medida em que o estereótipo de inferioridade relacionado à forma coloquial da língua ainda é muito presente nos dias atuais, visto que muitos indivíduos consideram sua maneira de falar superior ao de outros grupos. Isso ocorre, principalmente, em diversas regiões do país como, por exemplo, a região sul, na qual as pessoas dessa região consideram sua maneira de falar superior as dos nativos da região Norte e Nordeste do país.

Acerca desse assunto, o Marcos Bagno afirma em sua obra “Preconceito linguístico: O que é, como se faz” (1999, p. 43), que:

é um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano linguístico, atores não nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum do Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão. [...] Se o Nordeste é “atrasado”, “pobre”, “subdesenvolvido” ou (na melhor das hipóteses) “pitoresco”, então, “naturalmente”, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim... Ora, faça-me o favor, Rede Globo!”

Diante disso, as pesquisas que versam sobre esta temática e que objetivam combater o preconceito linguístico são importantes, não somente para os alunos e a

comunidade escolar, como também para a sociedade de maneira geral, pois, é imprescindível identificar as causas que promovem o preconceito linguístico sobre as “variações linguísticas” que ocorrem, sobretudo, por fatores históricos e culturais e que desencadeiam discriminações que podem ocasionar vários tipos de conflitos, além de acarretar prejuízos sociais, acadêmicos e, na pior das hipóteses, a exclusão social.

Assim, ao final de nossas análises, percebemos que o estudo acerca da língua materna precisa trabalhar para o desenvolvimento das competências comunicativas do discente e usuários da língua materna, de forma que o falante esteja preparado para utilizar as várias formas e situações comunicativas, e não apenas a norma padrão, uma vez que estamos falando de um país diverso e que recebeu influência das mais variadas línguas e, conseqüentemente, impulsionou ainda mais a multiplicação das variações linguísticas.

Portanto, a Sociolinguística educacional pode fomentar em nosso meio social o desenvolvimento de políticas linguísticas, criação de novas práticas pedagógicas que levem em consideração as variedades linguísticas, sociais e culturais presentes na sociedade e, com isso, favoreça a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as várias formas de escrever e de falar sejam respeitadas e consideradas dentro dos contextos educacionais. Contribuindo, assim, para que, de fato, os docentes adaptem suas metodologias e considerem o contexto social e as necessidades dos discentes, tanto para uma aprendizagem significativa, quanto para uma prática que respeite e acolha a diversidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Concepções de língua e ensino

O ensino da língua visa preparar o aluno para lidar com a linguagem e com as várias situações de uso e expressões. O domínio da língua materna é bastante importante, tendo em vista que torna-se a base para a aquisição de outras áreas de conhecimento, possibilitando aos indivíduos vivências excepcionais em sociedade, como a percepção das diferentes linguagens escrita, oral, literária, bem como forma de compreensão do mundo. Tendo como objetivo principal do ensino da língua desenvolver habilidades linguísticas, como a compreensão oral e escrita, a gramática, a linguagem e a pronúncia correta.

No entanto, o ensino da língua portuguesa, em muitas escolas, ainda está pautado somente no ensino da gramática normativa, pois focalizam regras e nomenclaturas gramaticais. Dessa forma, o ensino prioriza a língua da cultura dominante e tudo que se afasta desse código é considerado como errado. Logo, essa forma de ensino acaba desprezando as diferenças sociolinguísticas. (BORTONI, 2005, p.14).

Diante disso, a Sociolinguística tem mostrado que a língua está em constante mudança, a depender do momento, do ambiente e da situação na qual acontece a interação entre usuários de uma língua.

2.2 Norma padrão X variação linguística

No que diz respeito à especificação padrão da língua portuguesa, esta, por sua vez, está associada a uma língua modelo que segue rigorosamente as disposições representadas na gramática canônica tradicional, porém, é marcada pela língua produzida em um momento específico da história de uma determinada sociedade. Apesar da sua relevância, por ser uma variante de prestígio, a norma padrão não deve ser a única considerada correta, uma vez que é imprescindível reconhecer a heterogeneidade da língua.

No que concerne à variação linguística, “a variação existe em todas as línguas naturais humanas, é inerente ao sistema linguístico, ocorre na fala de uma comunidade e, inclusive, na fala de uma mesma pessoa”, segundo o site “Na ponta da língua”¹. Consequentemente, o fenômeno da variação é impulsionado por inúmeros fatores, pois vivemos em um país de grande extensão territorial, que possui uma sociedade bastante complexa, na qual estão presentes diversos grupos sociais. Nestes grupos, alguns tiveram acesso à educação formal e outros não tiveram acesso à norma padrão do português brasileiro.

Logo, é necessário identificar tais grupos, com a finalidade de analisar e discutir sobre como a língua se comporta em relação ao contexto social. Ademais, a variação linguística é vista como um fenômeno que acontece com a língua, podendo ser compreendida por intermédio das variações históricas e regionais. Assim, em um

¹ Paulo Palavras. Disponível em: < <http://paulopalavras.blogspot.com/2012/01/lingua-e-suas-variedades.html>>. Acesso em: 16 abril. 2023.

mesmo país, com o único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes.

No que se refere a língua, ela é vista de forma complexa, dado que vive em constante transformação, pois, na medida em que a gramática normativa é vista em maior proporção, tende a ser autoritária e a favorecer a ocorrência do preconceito linguístico. Segundo Bagno,

A gramática normativa é a menor parte sobre este aspecto compara a língua como um *iceberg* na qual a norma culta é aquela parte superficial que flutua na superfície do oceano e a língua é a parte que fica para as profundezas que justamente é a língua viva que não está estática, parada no tempo, e que é utilizada pela maioria do povo brasileiro, enquanto que a gramática, porém, tende ser autoritária, intolerante e repressiva com os alunos. (2007, p. 5)

Geralmente, por falta de conhecimento dos estudos relacionados às variações da língua, há pessoas que utilizam a norma culta como única e soberana e acabam discriminando a norma não-padrão, utilizada pela maioria da população brasileira. Tais pessoas, por não conhecerem ou por ignorarem as variantes da língua, agem de forma preconceituosa e acabam cometendo o engano de que a variante não-padrão advém de um uso equivocado. Desconhecendo, assim, que esta realidade, ou seja, o fenômeno da variação linguística está ligado diretamente aos vários fatores linguísticos e extralinguísticos.

Neste sentido, para ampliar os conhecimentos e com a finalidade de combater tais práticas, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) especifica em sua quarta competência, para o ensino fundamental, que o ensino deve “compreender o fenômeno da variação linguística demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2018, p. 87).

2.3 Sociolinguística educacional e ensino de língua portuguesa

A sociolinguística educacional no ensino da língua portuguesa está relacionada às correlações entre a língua falada e o contexto social. Na medida em que busca debruçar-se sobre o fenômeno denominado como variação linguística que existente no português brasileiro. Além disso, é um campo de estudo que se preocupa com a relação entre linguagem e educação, pois investiga como a linguagem é usada na sala de aula e como a educação pode afetar o uso da linguagem em diferentes contextos sociais. Sua análise concentra-se em como a linguagem é ensinada e

aprendida em diferentes esferas educacionais. Assim, a sociolinguística educacional considera fatores socioculturais, como o papel da língua materna, a diversidade linguística e a variação linguística, para entender como esses fatores vivenciados influenciam a educação e a aquisição da linguagem.

Neste sentido, segundo destaca Monteiro (2002, p. 28), a Sociolinguística analisa os aspectos sociais com o intuito de compreender melhor a estrutura das línguas e seu funcionamento. Diante do exposto, o estudo da Sociolinguística educacional torna-se uma área bastante relevante para o entendimento acerca de como as questões linguísticas e culturais vividas na educação, bem como a educação pode ajudar a reduzir as desigualdades sociais e linguísticas.

Conforme Bortoni - Ricardo (2022), os estudos fundamentados na linguística educacional apontam que é necessário aplicar novas práticas de linguagem a fim de proporcionar a inclusão de alunos advindos das classes sociais menos favorecidas, para que estes não se sintam estrangeiros em relação à linguagem acadêmica imposta pela escola e, assim, consigam participar ativamente das práticas sociais.

São inúmeras as dificuldades enfrentadas pelos alunos ocasionados pelas atividades linguísticas, porque, por vezes, perdura o senso comum e o discente acaba sendo tratado de maneira rude, como se a ocorrência desses conflitos em relação ao fenômeno da variação fosse proporcionada pela falta de capacidade deste educando, quando, na verdade, o desconhecimento da escola acerca das variedades linguísticas existentes no país colabora, cada vez mais, para a concepção da língua materna como um produto único, homogêneo, uniforme ou, até mesmo, imutável – como defendem gramáticos da língua portuguesa. Logo, segundo Travaglia (2005, p. 24),

[...] a gramática é concebida como um manual, como regra de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente. Diante desse conceito percebemos que para se expressar adequadamente é necessário que o falante tenha um certo conhecimento das regras gramaticais e afastando-se desse modelo é considerado como “errado”.

Diante desse cenário, faz-se necessário repensar tais práticas educacionais, visto que torna-se evidente a importância de implantar novas práticas de ensino. De modo que ocorra uma adequação das formas de ensino ao contexto social. Para isso, a Sociolinguística educacional busca, com os estudos das variações, desmistificar o preconceito linguístico, que resulta da comparação indevida entre o modelo idealizado

de língua que está presente nas gramáticas normativas e os modos de falar no dia a dia das pessoas que vivem na sociedade. À vista disso,

a realidade e a prática em sala de aula têm mostrado que a Sociolinguística voltada para a educação pode contribuir de forma significativa para melhorar a qualidade do ensino de língua materna em cursos de formação de professores, porque trabalha com os fenômenos da língua em uso, com base na relação língua e sociedade e voltada para a realidade dos alunos. (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 223).

Em face desse contexto, a autora Maria Cecilia Mollica reforça a importância de repensar tais práticas de ensino com a finalidade de que haja uma constante reflexão acerca das várias formas de uso das variantes linguísticas, isto porque para trabalhar a variação linguística, o professor deve introduzir o respeito e a aceitação aos vários falares dos alunos (MOLLICA, 1998).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo é resultado de um estudo de revisão bibliográfica, utilizando metodologias descritivas e abordagem qualitativa. Segundo Bento (2012), a revisão da literatura é parte essencial da pesquisa, tornando-a norteadora de como localizar, analisar, sintetizar e interpretar a relação com seu campo de estudo, e também como uma análise bibliográfica descritiva de trabalhos anteriormente publicados acerca do tema pesquisado. A revisão da literatura é essencial para obter êxito em um trabalho acadêmico de qualidade, na medida em que contribui para o desenvolvimento e avanço da ciência.

Além disso, a pesquisa propõe uma revisão bibliográfica a partir do livro “Preconceito linguístico – o que é, como se faz”, de autoria de Marcos Bagno, a fim de coletar o maior número possível de informações a respeito do tema estudado e que serão complementados por meio da consulta a outras fontes da internet, como a plataforma do Google Acadêmico e a SciELO, com o propósito de identificar as causas que acarretam em preconceito linguístico, e repensar as formas de ensino da língua portuguesa a partir da sociolinguística educacional.

O referencial metodológico que norteou a pesquisa é de cunho interpretativo e base qualitativa, visto que a pesquisa qualitativa oportuniza conhecer os indivíduos pesquisados, bem como as causas, os fenômenos sociais e o comportamento das pessoas diante da problemática estudada.

4 ANÁLISES DOS RESULTADOS

4.1 Variação linguística

A variação linguística é a diversidade de formas que uma língua pode assumir em diferentes contextos sociais, geográficos, históricos e culturais. Essa variação pode ocorrer em diversos níveis da língua, desde a pronúncia, passando pela gramática, até a organização textual. Sendo que o fenômeno da variação ocorre, porque “nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico” (BAGNO, 2007, p. 48).

Assim, a variação existe, porque vivemos em uma sociedade bastante complexa, na qual estão inseridos diferentes grupos sociais. Alguns desses grupos tiveram acesso à educação formal, enquanto outros não tiveram muito contato com a norma culta da língua.

Um bom exemplo de situação de variável estável ocorre com pessoas pertencentes às classes de maior status social e com maior nível de escolaridade, que apresentam maior frequência de uso das formas de prestígio do que os falantes de classes sociais mais baixas (LABOV, 1982, p. 77-78).

A variação linguística, desse modo, é um dos “conceitos essenciais para o desenvolvimento da educação linguística que atenda às perspectivas de formação no mundo contemporâneo” (CHAIBER; FERREIRA, 2018, p. 370), assim, pode ser considerada como um fenômeno que acontece com a língua e que pode ser compreendida por intermédio da variação histórica e regional, pois em um mesmo país, com um único idioma oficial, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes.

Esse modelo se ocupa das variações sistemáticas da língua falada chamadas de variantes linguísticas, que são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, e “a um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (TARALLO, 1994, p. 08).

Dessa maneira, a sociolinguística tem interesse pelo estudo das variações linguísticas “que podem ser explicadas sistematicamente, entendendo-se como variação sistemática a maneira alternativa de dizer a mesma coisa, desde que essa maneira seja portadora do mesmo significado referencial” (LABOV, 2008, p. 78).

Por isso, é importante ressaltar que nenhuma forma de variação linguística pode ser considerada superior ou inferior a outra, elas simplesmente refletem a

diversidade cultural e social das comunidades que falam uma determinada língua, embora ainda se perceba que a “supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo!” (BAGNO, 2007, p. 48) e que ainda permanece imperante no meio social.

Ainda, também é persistente a concepção de que, por exemplo, o aluno não pode dizer “Bunito”, ao invés de “Bonito”, dado que a primeira forma estaria errada, quando, na verdade, ambas as formas coexistem, mas que escrever e falar “Bonito” faz parte da necessidade de “uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito, mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumentista vai interpretá-la de um modo todo seu(...)” (BAGNO, 2007, p. 49).

Neste sentido, a escolaridade pode ser entendida como um fator determinante para a variação linguística, considerando que pessoas que pertence a grupos sociais mais privilegiados têm a oportunidade de acesso mais frequente à escola, ao passo que pessoas de grupos de menor prestígio vivem uma condição oposta, isto é, apresentam-se como aquelas que não possuem acesso tão fácil à escolarização e, conseqüentemente, à norma culta.

Por isso, é importante a compreensão da língua como sendo composta por variações e que estas “não serão as mesmas a depender da localidade e da região em que se encontra. É heterogênea na escola e nos papéis sociais fora das escolas, e fosse homogênea não existiria a variação linguística” (SILVA *et al.*, 2017, p. 7). Todos falariam do mesmo modo e não existiria o que iremos descrever na sequência, ou seja, o preconceito linguístico.

4.2 Preconceito linguístico

Preconceito linguístico é um fenômeno social relacionado a determinadas formas de falar que são valorizadas em detrimento de outras, levando a uma hierarquização das línguas e das variedades linguísticas. Isto ocorre quando se estabelece uma norma-padrão de uma língua e passa a considerar que as outras formas de falar são erradas, inferiores ou não recomendadas.

Este tipo de preconceito é bastante comum na sociedade, assim, no entendimento de SILVA *et al.* (2017, p. 8), isso acontece em decorrência de existir “muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes

modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menos prestígios com inferiores ou erradas”.

Embora tal realidade seja recorrente no meio social, “o problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença ” (SILVA *et al.*, 2017, p. 8), justamente por consideramos que somos obrigados a ensinar e aprender que “o “certo” é dizer e escrever Dê--me um beijo e não Me dá um beijo, e que é “errado” dizer e escrever Assisti o filme e Aluga-se casas (...)” (BAGNO, 2007, p. 28),

Colaborando, consequentemente, para que as pessoas sejam julgadas pela forma de falar. Sendo assim, o preconceito pode manifestar-se de maneiras como.: julgar uma pessoa pela forma de falar e utilizar termos depreciativos quando referir a formas de falar diferentes da norma-padrão.

[...] O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente (BAGNO, 2004, p. 38).

Logo, essas atitudes podem acarretar em uma série de consequências negativas, como a exclusão social, a marginalização e a perda da autonomia dos indivíduos que são considerados inferiores. Por isso, é tão importante combater o preconceito linguístico e respeitar a diversidade linguística, reconhecendo que todas as formas de falar têm sua importância e por isto devem ser respeitadas, sobretudo pelo fato do ensino de Língua Portuguesa estar passando por “um momento de transição entre o tradicional e o novo” (SILVA *et al.*, 2017, p. 8).

Entretanto, “os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo” (BAGNO, 2004, p. 38). Algo que impõe a necessidade de um trabalho, em especial nos contextos educacionais, que possa conscientizar e desarticular a base do preconceito linguístico.

4. 3 Sociolinguística educacional

A Sociolinguística educacional consiste em um ramo da sociolinguística que se dedica a estudar a relação entre a linguagem e a educação. Ela investiga como os aspectos socioculturais, históricos e políticos influenciam o ensino e a aprendizagem da língua materna e de língua em diferentes contextos educacionais. Na concepção de Oliveira (2016, p. 308), a Sociolinguística educacional, no contexto da sala de aula,

possibilita tratar o ensino de português sobre vários ângulos, não apenas o do estudo descritivo da língua, pura e ingenuamente fundamentada em uma didática não reflexiva, mas metalinguística. Trata-se, na verdade, de um ensino que ultrapassa os limites do apelo gramatical, que amplia a consciência de que o português são vários e, por isso mesmo, mutável.

Em vista disso, compreender-se que um dos principais objetivos da sociolinguística educacional é entender como a língua é usada no ambiente escolar e como isso afeta o desempenho dos alunos. Essa abordagem considera a diversidade linguística e cultural, presentes nas salas de aulas, e busca formas de defender e incluir as diferentes variedades linguísticas dos alunos.

Além disso, também se preocupa em entender como os docentes ensinam a língua, como avaliam o desempenho dos discentes e como podem ser sensíveis às diferenças linguísticas e culturais dos educandos, tendo em vista que é por meio da sociolinguística educacional que se pode ampliar as competências linguísticas dos discentes no processo de ensino-aprendizagem e no domínio da língua.

Sem dúvida, uma das formas de ampliação das competências é promover uma reflexão crítica em relação ao uso da língua, conforme os múltiplos contextos sociais e interacionais. Isto, com o intuito de fazê-los compreender a heterogeneidade da língua, que sofre diversas variações e mudanças devido a diversidade sociocultural, dado que,

quando o aluno compreende que a língua muda e varia a depender dos diferentes aspectos linguísticos, aprende-se a respeitar as diferentes formas de lidar com a língua. Entender esse processo auxilia no conhecimento da própria história da Língua Portuguesa no processo de formação e transformação do léxico. (LOPES e CAVALCANTI, 2018, p. 93).

É fato que a língua é heterogênea e mutável, visto que para a sociolinguística toda língua falada apresenta variações decorrentes da heterogeneidade presente nos fenômenos linguísticos, além da língua, trata-se de um sistema verbal e escrito

utilizado por uma comunidade de pessoas para se expressar, trocar informações e interagir.

Diante disso, conhecer a Sociolinguística educacional é essencial, segundo (SILVA *et al.*, 2017, p. 10), para que

[...] professores e alunos convivam com as diferentes interações linguísticas. Isso inclui a região, a idade, o espaço social e outros com o objetivo de promover o respeito entre os diferentes vocábulos que são utilizados no processo interativo, pois a Língua Portuguesa é bastante rica nesse aspecto. É importante refletir que nas aulas de Língua Portuguesa os professores podem sentir-se inseguros em abordar a temática seja por não ter visto no processo formativo, seja por não saber como abordar mesmo que já tenha uma formação.

Portanto, nota-se que a sociolinguística educacional busca contribuir para a elaboração de políticas linguísticas e educacionais mais justas e inclusivas, que reconheçam e valorizem a diversidade linguística e cultural presente nas comunidades, visto que as variedades que os alunos trazem para o contexto da sala de aula servem para a composição de um espaço heterogêneo e ao mesmo tempo democrático (OLIVEIRA, 2016).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de nossas análises, percebemos que o estudo acerca da língua materna precisa trabalhar para o desenvolvimento das competências comunicativas do discente e usuários da língua materna, de forma que o falante esteja preparado para utilizar as várias formas e situações comunicativas e não apenas a norma padrão, uma vez que estamos falando de um país diverso e que recebeu influência das mais diversas línguas e, conseqüentemente, impulsionou ainda mais a multiplicação das variações linguísticas.

Sob esta ótica, é importante repensar, “promover uma reflexão” sobre a padronização do ensino de língua materna, tema bastante relevante e presente na BNCC. Além disso, vale evidenciar que, apesar de ser um documento norteador do ensino brasileiro, para que possamos obter êxito nas concepções de ensino da língua, considerando todo o processo de evolução linguística e não apenas um produto “a gramática”, é essencial que os educadores se posicionem de maneira crítica e adotem uma consciência reflexiva acerca dos embasamentos teóricos e discursivos em relação à heterogeneidade da língua.

É, neste sentido, que a Sociolinguística educacional apresenta considerações importantes para a compreensão das variações linguísticas, pois esta ciência permite um melhor entendimento das variantes linguísticas presentes em sala de aula e fora dela, bem como o entendimento acerca de como essas variações podem afetar a aprendizagem e a evolução dos educandos, na medida em que reconhece e valoriza as diferentes formas de falar. Dessa forma, proporcionando uma educação inclusiva e democrática.

Assim, a Sociolinguística educacional pode fomentar em nosso meio social o desenvolvimento de políticas linguísticas, criação de novas práticas pedagógicas que levem em consideração as variedades linguísticas, sociais e culturais presentes na sociedade e, com isso favoreça a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as várias formas de escrever e de falar sejam respeitadas e consideradas dentro dos contextos educacionais. Contribuindo, assim, para que, de fato, os docentes adaptem suas metodologias e considerem o contexto social e as necessidades dos discentes, tanto para uma aprendizagem significativa quanto para uma prática que respeita e acolhe a diversidade.

Por fim, nosso estudo evidencia que a Sociolinguística educacional vem buscando conscientizar os educandos sobre a vasta diversidade linguística existente no país. Promovendo a valorização das diferentes formas de falar e, conseqüentemente, combatendo o preconceito linguístico e que ainda é imperante em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2016.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 29ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: considerações teóricas e práticas. **Revista JA**, ano VII, nº 65, p. 42-44, 2012. Disponível em: <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf>. Acesso em: 08 maio. 2023.

BORTONI-RICARDO. Sociolinguística Educacional, **SciELO**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/kRzvKkTfvHwYd7tmmCkr7PM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio. 2023.

_____. Tem sociolinguística efetiva contribuição a dar à educação?. In: Bortoni-Ricardo (Org). **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística &**

educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 127-146.

CAZAROTTI, Mauro *et al.* **A contribuição da sociolinguística para o ensino de língua portuguesa, Acervomais.** Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/download/327/192/> Acesso em: 09 maio. 2023

CHAIBER, M. E; FERREIRA, E. Variação Linguística na educação contemporânea: Concepções práticas pedagógicas. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 8, N° 2, p. 358 - 385, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324878044_A_variacao_linguistica_na_educacao_contemporanea_concepcoes_e_praticas_pedagogicas. Acesso em: 24 abr. 2023.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns.** 3. Ed. Philadelphia; university of Pennsylvania Press, 1972.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4° ed., 7° reimpressão – São Paulo: Contexto, 2021.

MOLLICA MC, BRAGA ML. **Introdução a Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Editora Contexto. 2003.

OLIVEIRA, A. Abordagem sociolinguística no ensino de português. **Caletroscópio** - ISSN 2318-4574 - Volume 4 / n. Especial / 2016 / II DIVERMINAS. Disponível em: <file:///C:/Users/admmin/Downloads/3636-Texto%20do%20artigo-7305-1-10-20160928.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2023.

SILVA *et al.* Contribuições da sociolinguística para o ensino de língua portuguesa. [Anais] 10.31692/2358-9728.IV COINTER-PDVL. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326445345_CONTRIBUICOES_DA_SOCIO_LINGUISTICA_PARA_O_ENSINO_DE_LINGUA_PORTUGUESA Acesso em: 24 abr 2023.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo, Ática, 1994.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 10 ed. São Paulo. Cortez, 2005.